

INTRODUÇÃO

Vamos dar aqui umas linhas gerais sobre a orientação do Curso de Filosofia, que será dado em cinco anos. Eu vou enunciar aqui, vagamente, um programa que – é claro – poderá ser mudado, dependendo do aproveitamento dos alunos ou de outras circunstâncias que sugiram isso.

Em termos gerais, a idéia é equipar os alunos para que possam reagir filosoficamente – reagir de uma maneira intelectualmente viável – às mudanças culturais e históricas que estamos vivendo hoje.

Vamos partir da seguinte consideração: todas as grandes mudanças da moda cultural ao longo dos tempos, acontecem de uma maneira peculiar. Dificilmente um conjunto de idéias, valores e símbolos é abandonado por ter sido atacado diretamente, refutado ou superado.

O que acontece é o surgimento de uma nova camada de intelectuais, socialmente distinta da que anteriormente era dominante, e esta nova camada, então, vem com novos interesses e dirigindo a sua atenção para outros temas, outras questões, de tal modo que, num prazo relativamente curto, a cultura anterior se torna incompreensível e inacessível, e a nova ocupa o seu espaço.

Então, jamais se pode confundir a idéia de uma superação histórica – do fato de que uma nova moda cultural tomou conta do espaço – com o confronto intelectualmente válido entre dois corpos de idéias: nunca podemos achar que uma idéia, simplesmente porque ela foi abandonada historicamente, (ela) terá sido refutada ou impugnada de maneira alguma.

Essa impugnação nunca acontece; não há nenhum caso de moda cultural que tenha mudado, porque as idéias anteriores foram efetivamente examinadas e refutadas. Se elas fossem examinadas e refutadas você ainda estaria dentro do mesmo quadro, estaria discutindo o mesmo corpo de questões.

Isso Nietzsche observou bem: “você só supera aquilo que você substitui”, quer dizer: não se trata de discutir ou de refutar idéias, mas de colocar outras no lugar delas e fazer com que as anteriores sejam esquecidas. Na medida em que são esquecidas, então justamente por isso (...) enquanto elas estão dominando elas não foram refutadas, depois que elas são esquecidas não precisa refutar mais.

O efeito disso é que o chamado “progresso” da cultura, “progresso” do conhecimento, na verdade é uma sucessão de esquecimentos, uma sucessão de perdas absolutamente formidáveis.

Também, na medida em que as novas idéias ocupam o lugar das anteriores e já não tem mais satisfações a prestar a elas, então isso significa que o número de perspectivas que você tem para julgar as idéias vigentes vai diminuindo. Isso aí é um processo mais ou menos uniforme na história do Ocidente.

Quer dizer: a gente pode observar uma série, uma tendência geral à uniformização: na medida em que você vai abandonando as perspectivas anteriores e que as novas vão ocupando todo o espaço, as anteriores se tornam inimagináveis ou impensáveis, exceto para um número muito pequeno de pessoas.

Justamente por isso, as novas idéias que ocupam o cenário, elas o fazem com uma grande liberdade de ação: não têm satisfações a prestar à cultura anterior e, portanto, elas só admitem ser contestadas ou discutidas dentro da sua própria perspectiva. Então isso, naturalmente, tende a fechar o esquema.

Por outro lado, como as novas gerações já são educadas dentro das novas idéias, elas não são capazes de imaginar, quer dizer, há um processo de esquecimento e depois há um outro processo de eliminação completa, ao ponto de que a própria cultura anterior se torna inimaginável, exceto sob a forma de estereótipos simplificados, concebidos pela nova cultura só para fins da sua própria autoglorificação.

Então, isso é a mesma coisa que dizer que o progresso cultural, o progresso intelectual é constituído de uma série de empobrecimentos, de uma série de perdas, de perdas de memória, por assim dizer, e quando a perda de memória se prolonga por tempo suficiente ela se torna uma perda de capacidade, de todas as capacidades intelectuais, imaginativas requeridas para a compreensão da cultura anterior; elas são realmente eliminadas.

Por outro lado, o fato de que essas novas idéias venham com o poder avassalador de quem ocupa um espaço vazio, faz com que facilmente elas se transformem em instrumentos de ação social, e produzam, então, mudanças sociais de maneira muito acelerada. Pode-se observar isso ao longo dos últimos quatro ou cinco séculos. Por exemplo, quando aparece, por volta de 1400, de 1500, a camada dos chamados “humanistas”.

Os humanistas eram pessoas que já não tinham a formação filosófica escolástica, mas tinham uma formação retórica baseada nos retóricos de antigamente, principalmente Quintiliano e Cícero. Eram pessoas dedicadas à arte literária, às línguas etc. Portanto, a área específica de capacitação deles era justamente a arte da persuasão.

E começaram também a aplicar as regras da antiga Retórica às literaturas nacionais, começaram a escrever nos idiomas nacionais, então, evidentemente, tiveram uma penetração muito grande na classe nobre que é uma classe que antigamente, antes disso, na Idade Média, era totalmente alheia ao mundo da cultura superior.

Os nobres medievais eram caracterizados pela sua profunda ignorância. Só para dar um exemplo, Carlos Magno, sobretudo o governo em que se lançou o primeiro projeto de alfabetização universal, permaneceu analfabeto até os trinta e dois anos e só muito dificilmente consentiu em aprender alguma coisa. Considerava-se que o aprendizado das letras era uma coisa ou para os monges, ou para as mulheres: os nobres não iam se dedicar a uma coisa dessas.

Porém, a partir do surgimento dos humanistas, que falam nas línguas nacionais, e já não usam como instrumento aquelas técnicas lógicas altamente complexas dos escolásticos, mas usam instrumentos de persuasão – não de prova –, instrumentos, na verdade, de ação psicológica; então, evidentemente, a nova cultura se espalha muito rapidamente entre a classe dominante, entre os nobres.

Então, se procurarmos nesse período e falarmos: houve alguma confrontação intelectual entre os humanistas e os escolásticos? Não, de maneira alguma; o que houve é a ocupação de um espaço vazio e, naturalmente, a explosão da cultura anterior.

Quando surge, logo em seguida, a chamada cultura científica moderna, com Newton, Bacon, Galileu etc., acontece, novamente, a mesma coisa. Quer dizer: o que pudesse restar da cultura escolástica é novamente preterido em função de uma nova cultura emergente, que ainda vinha com a promessa de aplicações técnicas que resultariam diretamente num acréscimo de poder das classes dominantes.

Então é totalmente errado nós dizermos que aí houve um “progresso” do conhecimento. Não; houve uma mudança social muito profunda; mas, o conhecimento, ao contrário, você não pode dizer que “progrediu”, porque só existe

progresso quando aquele terreno conquistado é conservado, absorvido e ampliado, vamos dizer, absorvido e superado dentro de uma estrutura maior. E (isso nós podemos dizer que) os casos em que existe um progresso objetivamente verificável na História são bem diferentes dessas grandes mudanças, daquilo que o Thomas Kuhn chama de as “revoluções científicas”.

As revoluções científicas não trazem progresso de espécie alguma, elas trazem uma mudança de perspectiva. Veja: você mudar de direção, não é você avançar necessariamente. Avançar é avançar na mesma direção. Quer dizer, você muda de atividade completamente, muda de assunto, você não tem nem como comparar o que você está fazendo com o que se estava fazendo antes, porque simplesmente não tem nada a ver um com o outro.

Existe algum exemplo histórico de avanço, de progresso (...)?

Tem. Quando você pega, por exemplo, a evolução da doutrina cristã, desde os primeiros padres até a Escolástica, aí você pode dizer que houve efetivamente um progresso porque nada se perdia, a coisa era (...) tudo o que tinha na etapa anterior era assimilado e fundido num novo arranjo com os elementos novos, por exemplo, aqueles que eles absorveram de Aristóteles.

Quando Sto. Alberto Magno, Sto. Tomás, começam a ler Aristóteles e a tentar formular a doutrina cristã em termos aristotélicos, eles não abandonam a doutrina cristã anterior. Eles simplesmente fazem um arranjo dela dentro de um novo quadro. Nada se perde. A idéia é exatamente não perder nada.

Então, nesse caso, você pode dizer que, desde os primeiros padres até a Escolástica, houve um caso de progresso real. Mas, veja: isso é dentro da mesma cultura, não houve uma revolução cultural, não houve uma ruptura.

Agora, quando aparecem os humanistas, aí tem uma ruptura mesmo. Quer dizer, para mim uma das coisas mais claras ali, é que os humanistas, quando você lê Erasmo, por exemplo, está na cara que Erasmo não entende os escolásticos, ele não (...) ou o próprio Descartes, embora tivesse estudado com os escolásticos, ele não sabe exatamente o que eles estavam fazendo.

Então, eles criam uma nova imagem dos escolásticos que não tem nada a ver com o que se passou historicamente, com a realidade histórica. Mas tem a ver com a autojustificação e a autoglorificação da nova cultura emergente.

Quando aparece também a cultura do Iluminismo, você tem novamente uma mutação desse tipo, quer dizer, que uma nova classe emergente de intelectuais, mas que agora já não eram mais nem humanistas, no sentido de Erasmo; não eram estudiosos, no sentido de Erasmo: não eram escolásticos, não eram humanistas e também não eram cientistas naturais.

Então é um quarto tipo de intelectual que surge, como precursor do jornalismo moderno, como Voltaire, por exemplo, que é o primeiro jornalista moderno. Quer dizer: ele não era um retórico de estilo antigo, não era um filósofo escolástico, não era um cientista natural, o que ele era? Ele era um jornalista.

Então, a formação do intelectual como formador, a idéia do formador de opinião pública, aparece justamente aí no Iluminismo. E é uma classe social totalmente diferente, de uma origem social distinta, que rapidamente cria uma série de novas modas e ocupa o espaço, tornando virtualmente incompreensível não só a Escolástica, mas também os antecessores imediatos do Iluminismo.

Quando você pega, por exemplo, a obra de Newton e aquilo que de Newton, Voltaire resumiu no livro "Elementos da Filosofia de Newton", você vê que existe um Newton histórico e existe um Newton de Voltaire, que já é um Newton adaptado às finalidades do Iluminismo.

E contrasta de tal maneira, tão brutalmente com o Newton histórico, que realmente uma coisa já não tem nada a ver com outra. Quer dizer: historicamente, a finalidade básica, o que Newton queria? Newton queria restaurar uma espécie de ciência profética que lhe permitisse interpretar a História à luz da Bíblia; é isso que ele queria. É para isso que ele fez tudo, inclusive toda a Física, foi feito tudo para isso.

Agora, no tempo do Iluminismo, o que o pessoal faz? Separa só a parte da física de Newton, joga o resto do Newton fora e cria um Newton pseudo-histórico proporcionado às necessidades da nova cultura.

Isso quer dizer que, em cada etapa histórica, o indivíduo que busca adquirir uma cultura superior, seja ele um estudante universitário, seminarista, qualquer coisa, a primeira coisa que ele vai receber é um conjunto de falsificações e esquecimentos. Quer dizer: a mentalidade dele será moldada de acordo com a cultura contemporânea, no que ela tem de excludente.

Quer dizer: a autoglorificação da cultura contemporânea é parte dessa mesma cultura. E dentro disso, por exemplo, a idéia de progresso já está embutida como um mecanismo de autolegitimação permanente.

A coisa mais incrível é que quando você pega pessoas que são relativistas – relativistas históricos –, que não deveriam acreditar em progresso de maneira alguma – eles de fato dizem que não existe progresso histórico, que você não pode raciocinar nesses termos – mas, na prática, eles se consideram muito superiores a todos os seus antecessores. Quer dizer: não saem dessa visão criada pela ideologia do progresso. Não conseguem sair dela.

Quer dizer, a existência de progresso é um fato, você não pode negar: às vezes as coisas melhoram. Mas às vezes as coisas também pioram. Então, a existência de alguns exemplos de progresso efetivo é uma realidade histórica inegável, você não pode ser contra a idéia de progresso. Nem contra, nem a favor.

Progresso é uma unidade de medida que você deve aplicar aos antecedentes históricos para saber aonde ele se realizou e aonde ele não se realizou. Qual é o contrário de progresso? Vamos dizer, é o atraso? Ou a regressão? Não; porque o tempo só vai para frente, o tempo nunca vai para trás, isso é absolutamente impossível. E qualquer processo temporal, ele é constituído sempre de mudança. E sempre haverá deterioração de alguma coisa e a emergência de alguma outra coisa.

Então, praticamente qualquer época pode ser vista, ou como de progresso, ou como de deterioração, mas nunca de atraso. Atraso não existe, porque não existe um relógio histórico que possa medir todas as civilizações, todas as sociedades e dizer: olha, às tantas horas você tem de estar em tal lugar, porque eu estarei lá. A idéia de “atraso” é um subproduto mecânico da idéia de progresso. Progresso existe, atraso não.

Você não pode dizer que uma sociedade que ficou estática durante cinco mil anos está “atrasada”. Está atrasada em relação à outra, mas ela não faz parte da outra. Isso quer dizer que, para ela ser uma sociedade que está em progresso ela teria que abandonar a sua própria auto-referência e se medir por uma outra, mas isso seria a extinção dela.

Denotar essa idéia do atraso é uma idéia autocontraditória. Atraso histórico não existe, de maneira alguma. Progresso ainda pode ser uma noção cientificamente aceitável, atraso não é.

Dentro de uma mesma cultura, por exemplo, você pode medir... uma maneira de medir é aquela sua teoria dos patamares, não é, que você vê se a nova geração apreende os patamares anteriores?

Sim, mas isso dentro de uma cultura determinada. Mas mesmo no caso quando você perde de vista o patamar não quer dizer que você "atrasou". Quer dizer que você deteriorou.

Que as coisas deterioram? Eu falo: bom, qualquer pessoa que já esteve doente e já sarou, sabe o que é deterioração. Qualquer sujeito que teve dinheiro e perdeu, sabe o que é deterioração.

Então, a existência de deterioração também é um fato permanente da existência humana, uma possibilidade permanente da existência humana, então ela corresponde a alguma coisa. Mas "atraso", você só pode falar em atraso quando existe uma escala predeterminada.

Digamos, se você pretende realizar alguma coisa, e ela demora mais tempo do que você esperou, você diz que está atrasado. Mas eu acho que isso – historicamente – nunca aconteceu com uma sociedade.

O que se fala de atraso é porque você mede uma certa cultura, uma certa sociedade, pelo parâmetro da outra, baseado no pressuposto – inteiramente imbecil – de que uma deveria estar igual a outra, que você não sabe (porque) não está.

E sobretudo porque medir uma pela outra significa já destruir a primeira. Se uma cultura permite ser medida na regra da outra, ela já perdeu sua autonomia, ela já se transformou numa subcultura da outra. Então quer dizer, o progresso seria (...) para você entrar na linha do progresso, você teria que se autodestruir.

Isso quer dizer que, historicamente falando, progresso não é o contrário de atraso. Agora, raciocinar em termos de progresso e atraso, você sabe que é uma coisa que está tão arraigada na nossa cultura atual que já virou quase um automatismo.

Falam sociedades “atrasadas”. Pegam a sociedade na Zâmbia: está “atrasada”. Está atrasada em relação a o quê? Você acha que Zâmbia deveria ser Nova Iorque? De onde você tirou essa idéia? Que uma coisa deveria ser a outra? Não tem sentido. Você pode dizer que a situação da Zâmbia está muito ruim, que eles estão morrendo de fome, que está tudo estragado. Mas, “atrasado” não.

A idéia de atraso se transformou num substitutivo de outros termos negativos, de espécie de julgamento negativo. Para você não dizer que está ruim, você diz que está “atrasado”.

O problema é quando as pessoas entram no estudo – no mundo da cultura superior – o que eles recebem em primeiro lugar é o impacto da cultura presente. E junto com ela, ele recebe todas as limitações, as viseiras, as proibições, os preconceitos etc., que só vão permitir que ele evolua em determinados sentidos.

Quer dizer, a vigência de uma determinada cultura implica também a existência, por assim dizer, de carreiras intelectuais predeterminadas, quer dizer, um esquema predeterminado da carreira intelectual.

Você, naquela entrevista para a entrevista Atlântico, você falou que ao invés de a gente pensar em termos de direita e esquerda, você devia pensar em termos de revolucionário e contra-revolucionário, aí você incluiria elementos improváveis de esquerda e de direita que num sentido corrente as pessoas costumam classificar. Nessa coisa de atrasado e evoluído, vamos dizer, de progresso e atraso, tem alguma chave de compreensão que você recomende, como essa que você deu de revolucionário e contra-revolucionário?

Não, não tenho isso. Eu estou só destruindo um par de conceitos, dizendo que eles não formam um par. Embora, em termos de vocabulário – semanticamente – progresso seja o contrário de atraso, isso se aplica só às palavras, só aos conceitos, e não às realidades correspondentes.

Você forma uma idéia de progresso, como uma coisa que vai para frente, de atraso, como uma coisa que vai para trás. Mas acontece que o tempo nunca volta atrás, não tem como você fazer isso.

Quer dizer, o estado presente de uma sociedade pode piorar, mas ele não pode voltar ao estado anterior, pelo simples fato de que ele já esteve no outro estado.

Quando as pessoas dizem: não, nós vamos voltar à Idade da Pedra. Eu digo, bom, mas uma coisa é você ter nascido na Idade da Pedra; outra coisa, completamente diferente, é você ter que viver com instrumentos da Idade da Pedra depois de você ter tido toda essa tecnologia que nós temos. Isso não é uma Idade da Pedra. É completamente diferente. Isso é uma deterioração, não é um atraso.

Esse simples par de conceitos – progresso e atraso – que estão entre os mais usados, entre os mais imaginativamente poderosos na nossa cultura, mais impregnados na nossa cultura, eles já são praticamente a garantia de que você não vai entender uma série de processos históricos. Quer dizer, se você os vê como progresso ou atraso, você nunca vai entender o que realmente aconteceu.

À medida que você vai entrando no mundo da cultura superior, o coitadinho do jovem e inocente aluno – eu quero ser um intelectual, quero ser um historiador, quero ser um filósofo – e para isso entra num treco chamado universidade. Você veja bem o impacto de toda essa malha de impedimentos mentais (...)

Claro que você vai receber também uma série de conhecimentos positivos. Mas, entre o conjunto de conhecimentos materiais – conteúdos que você adquire – e a malha de conceitos que os articula, a malha de conceitos é mais poderosa, porque ali estão relacionados como forma e matéria, no sentido aristotélico. O que vai predominar é a forma, o que dá a forma do conjunto é o que determina o que ele significa.

Então, justamente, o estudo da Filosofia é para você criar a sua própria malha, de acordo com as necessidades efetivas da busca do conhecimento. E não de acordo com finalidades sociais já estabelecidas de antemão, voltadas à criação, expansão, conservação de determinadas modas culturais.

A Filosofia é um meio de você criar uma estrutura conceptual que possa abarcar e transcender a estrutura das modas culturais vigentes. Nesse sentido, a Filosofia é desaculturante. Você vai tentar enxergar acima do horizonte da cultura em que você está.

Para fazer isso, a primeira coisa é você aprender a recuperar as possibilidades cognitivas e intelectivas de outras épocas, que foram perdidas.

Como é que você faz isso? Em primeiro lugar, você precisa ter os materiais à sua disposição, você precisa ter os textos, os documentos, aquilo que se passou, (num lugar). E você vai precisar em seguida fazer um esforço imaginativo que lhe permita – não (é) compreender os autores antigos como eles mesmos se compreendiam, mas – compreender a sua própria situação como eles a compreenderiam.

Se você vai estudar, por exemplo, Platão, desde o ponto de vista da cultura contemporânea, você nunca vai entender Platão. Vou dizer por quê: no Século XX, nós passamos por uma série de mutações culturais importantes; mas agora nós estamos passando por uma gigantesca.

Esta uma é o seguinte: toda a cultura moderna, a sociedade moderna, é determinada por um fator chamado “tecnologia”. O impacto da tecnologia, na sociedade e na cultura, ele só foi (sendo) percebido e integrado na consciência humana aos poucos.

Isso quer dizer que nós estamos na civilização tecnológica? Não estamos ainda. A tecnologia decide e determina a maior parte, uma parte importante dos processos sociais, mas não determina todos. Ainda tem muita coisa que é baseada em processos que não têm nada a ver com a tecnologia.

Por exemplo, você vê o número enorme de pessoas que são religiosas. Elas estão vivendo, pelo menos parcialmente, dentro de uma atmosfera cultural onde a tecnologia não tem nada que ver com a estória. A tecnologia não é nem contra, nem a favor. Isso aí é outro departamento.

Mas, uma coisa é você viver num universo onde você acredita que existe um Deus que criou o mundo e que vai levar o processo da História do mundo até uma (certa) meta, na qual haverá o fim desse mundo e a passagem de tudo para a escala da Eternidade. Isso é uma coisa. Outra coisa é você viver dentro de um mundo onde tudo é um problema tecnológico.

Na medida em que o impacto da tecnologia na sociedade aumenta, a tendência da cultura é encarar tudo sob a categoria da tecnologia.

A primeira e mais imediata consequência que isso tem: “imediata” não é rápido, isso leva muitas décadas, pelo menos, para que isso aconteça. A primeira consequência é que tudo aquilo que esteja fora da possibilidade de ação tecnológica acabe ficando fora da imaginação também. Porque, se a tecnologia é a grande chave,

então nós só vamos pensar naquilo que está ao alcance da tecnologia. Ou o que você supõe que possa estar ao alcance da tecnologia, amanhã ou depois.

Isso quer dizer que a esfera da ação material humana se torna de algum modo o horizonte último da realidade: nada existe para além disso.

É claro que existe uma esfera de ação muito grande, na qual a ação tecnológica humana é viável. Digamos: todas as doenças atualmente existentes, nós podemos esperar que elas serão curadas, por meios tecnológicos. Não foram ainda. Mas, nós podemos esperar isso e as pessoas têm essa esperança.

Qualquer doença que você pegue, se não existe cura ainda, o que as pessoas fazem? Nós vamos sentar e esperar que pode ser que dentro de dois, de três, de quatro, de cinco, ou dez, ou vinte anos eles descubram a cura para isto. Cada aidético no mundo vive com esta idéia. Existe essa esfera da existência sujeita à ação tecnológica, ela existe. E ela é muito grande.

Porém, se a tecnologia é a chave da existência, então, naturalmente, tudo aquilo que esteja fora da possibilidade teórica de ação tecnológica, deixa de ter interesse para as pessoas. O mundo se torna como se fosse um laboratório, onde nós fazemos experimentos – alguns podem dar certo, outros podem dar errado – mas, tudo aquilo que não possa ser objeto de experimento não interessa.

Isso quer dizer que dimensões inteiras da existência, onde a tecnologia não pode agir de maneira alguma, são tidas como inexistentes ou irrelevantes. A começar pelo fenômeno da morte. Hoje em dia as pessoas são incapazes de pensar a morte, exceto no sentido de viver um pouco mais. Que é prolongar a existência humana.

Prolongar a existência humana é uma possibilidade que a tecnologia tem. E, de fato, ela até tem feito isso. Mas, e a morte? Mais dia, menos dia, você vai morrer. Então quer dizer: você vai viver um ano a mais, ou um ano a menos, e não vai mudar em nada a estrutura da Realidade.

Isso quer dizer que o fenômeno da morte, não podendo ser objeto de ação tecnológica, ele não tem conceito socialmente integrado, então nós vivemos numa cultura sem morte. A morte, durante séculos, foi tema quase predominante da cultura. De repente, não. Não se fala mais. Só se fala de saúde, de prolongar a vida etc., de eliminar as dores e assim por diante.

Se você já entra na busca da cultura superior numa situação assim definida, você já entra com um escotoma, você já tem um pedaço imenso da realidade que não existe para você. E que, justamente, o estudo superior, o estudo da Filosofia, visará a reconquistar para você. Fazer com que você se torne capaz de imaginar aquilo que dentro da sua cultura não é geralmente imaginado.

Acontece que a aquisição de cultura superior freqüentemente se identifica com a aquisição de uma autorização do Estado para o exercício de certas profissões, de ensino ou de pesquisa.

Então, aí você tem um seriíssimo problema: se você quer uma cultura superior no sentido de adquirir a capacidade de compreender a Realidade, sobretudo a realidade da História, da Civilização, a realidade da existência humana ao longo dos milênios; é uma coisa.

E se você quer a cultura superior no sentido de poder exercer esta ou aquela profissão, você está indo no sentido exatamente contrário. Você precisará se adaptar à cultura presente, o mais possível para que você possa representá-la profissionalmente.

Este é o motivo pelo qual eu considero que a instituição universitária é a grande inimiga dos estudos superiores hoje em dia. E o motivo de (eu) ter me mantido à margem desta instituição durante toda minha vida, porque eu tinha medo dela, eu sabia que o que eles estavam fazendo lá não era fortalecer as consciências para que compreendessem a Realidade; mas, moldá-las para o exercício de determinados papéis sociais.

Eu vejo que o papel social da profissão universitária, de cientista, de acadêmico, ele pode ser tão hostil à compreensão da realidade, ao ponto de que até os melhores cérebros, as melhores inteligências, na medida em que buscam se adaptar e ser bem sucedidas nessa carreira, eles têm que se mutilar intelectualmente, para não dizer coisas que sejam incompreensíveis ou chocantes dentro daquele ambiente.

As exceções, os camaradas que conseguem fazer as duas coisas ao mesmo tempo, ao mesmo tempo criar uma carreira universitária e se manter apegados à realidade, são muito poucos.

Eu estava vendo essa gravação do Eric Voegelin em Toronto – conferência que ele deu lá em Toronto – participando de mesas redondas onde estavam,

entre outras figuras, Bernard Lonergan e Hans-Georg Gadamer. São figuras de primeiro plano. Mas você comparando – o que eles diziam, com o que o Voegelin dizia – eles estavam discutindo questões acadêmicas profissionais. E o Voegelin estava falando de realidades. Ao ponto de que aqueles não chegaram a compreender o que ele dizia, porque era grave demais, era sério demais.

E a gente não pode esquecer que a universidade é uma escola. E numa escola – tudo o que se passa na escola – é fingido. A escola não é a realidade. Assim como, por exemplo, numa academia militar você não vai fazer guerra de verdade, você não vai dar tiro de verdade nos seus colegas. Você vai fazer exercícios, manobras etc. (...) falando como Pirandello: *“ma non é una cosa seria”*.

Séria é quando você vai para o combate mesmo. E lá – no combate – o inimigo não está a fim de te ensinar coisa nenhuma, ele quer apenas matar você. Quer dizer: entre o soldado que tem uma boa formação militar na escola e o soldado que tem experiência de combate, a diferença é quase de planeta.

Então (isso quer dizer que), tudo aquilo que tenta se adaptar à mentalidade escolar, está imitando a realidade, mas imitando de longe, você está dentro de muros que o protegem da Realidade. Você é apenas um estudante ou um professor e você não será cobrado pelo conteúdo do que você diz. Porque tem a famosa liberdade acadêmica.

Então, se você é um político, um ministro, um presidente de empresa, tudo aquilo que você fala tem conseqüências. Agora, se você é um professor ou um estudante nada do que você fala tem conseqüências, porque é tudo para fins de ensino. Um professor pode ensinar numa classe exatamente o contrário do que ele acredita. Nada o impede de fazer isso. Por quê? É para fins didáticos, é tudo experimental, por assim dizer, nada é válido, nada é definitivo.

Se você quer compreender a realidade do que está acontecendo, bom, a Realidade, em primeiro lugar, não vai se enquadrar nas exigências curriculares e disciplinares. Você não tem como reduzir a Realidade àquela articulação de enfoques padronizados e correspondentes aos nomes das várias disciplinas e muito menos correspondentes às várias gradações curriculares do aprendizado.

Não existe, por exemplo, uma guerra para o primeiro ano da faculdade, outra guerra para o segundo ano da faculdade; não. Existe uma guerra só,

meu filho, está entendendo? Não existe uma guerra para os economistas, outra para os sociólogos, outra para os cientistas políticos; não. Existe uma guerra só.

Agora, se eu, por exemplo, eu sou um cientista político e estou dando aula para o primeiro ano da faculdade, então eu vou ter que selecionar dessa guerra aquilo que combine com a minha disciplina, vou ter que recortar de acordo com as exigências de minha disciplina, e não com as exigências do fenômeno objetivo chamado Guerra.

Eu quero dizer que, quanto mais a instituição universitária cresce e se torna ela própria um instrumento essencial de manutenção do funcionamento da própria sociedade, menos ela se presta à busca do conhecimento.

Então isso aí virou uma tragédia já. A grande tragédia do Século XX. Tanto (que) você vê que as universidades nas últimas décadas, não só no Brasil, mas por toda a parte, se transformaram mais em centros de arregimentação política, de formação de militância para a defesa das idéias mais imbecis que existem no universo, do que para servir para a formação de intelectuais de primeiro plano. Praticamente não existe nenhum intelectual de primeiro plano que esteja bem integrado no meio universitário. Os melhores em cada área, eles sempre estão, no mínimo, um pouco fora. No mínimo têm um conflito (com eles).

Também não podemos esquecer que a universidade é uma instituição educacional de massas; não de elite. Para ser de elite cada vez mais (...) a massa indistinta, quer dizer, todo mundo pode ser bacharel, pode ser doutor, pode ser professor etc., (esse é) considerado um dos direitos fundamentais da Humanidade, o direito a um canudo.

É claro que isso aí torna ainda mais difícil a articulação entre a educação universitária e busca do conhecimento. Você veja: esse que eu estou falando é um problema estrutural, um problema inerente à natureza das coisas e não estou levando em conta, no mais mínimo que seja, a possibilidade da censura deliberada, do boicote deliberado; mas que isso também existe. E existe por quê? Porque isso reflete um conflito estrutural que já era anterior.

Quer dizer: mesmo que todo mundo agisse com a maior idoneidade possível, a estrutura da coisa já é problemática. Mas, o fato é que as pessoas não agem com a maior idoneidade possível. Existe todo um aspecto ali de disputa de poder, de conservação do prestígio de classe etc. E tudo isso, se você pegar esse conjunto de

impedimentos estruturais e mais a má intenção e a sacanagem (que) se misturam ali, então aí acabou.

Isso significa que a possibilidade de investigação da realidade dentro do meio universitário é praticamente inexistente. A não ser para aqueles que são (...) existe uma possibilidade: você ser um gênio, uma pessoa de uma personalidade tão impressionante, que ninguém ousa mexer com você. Então eles deixam você fazer o que quiser, (dizem:) não o professor aí é louco, então é melhor não mexer nele.

Era o caso do Eric Voegelin. Todo mundo tinha medo dele. Então, nunca o impediu de fazer as coisas dele, mas se mantinha uma distância, porque realmente não compreendia o que ele dizia. Tem um caso famoso, quando ele foi fazer a conferência pela primeira vez na universidade de Munique, que aí lá tinha a intelectualidade dominante e tinha o Ralph Dahrendorf, que era o grande cientista político do momento e ele ouviu a conferência do Voegelin e saiu perplexo. Ele disse que não tinha entendido uma palavra do que ele disse: “ele não falou nada sobre o problema da Constituição, o problema dos direitos humanos etc., que raio de Ciência Política é essa? É outra coisa, eu não sei do que ele está falando”.

Naturalmente, isso não resultou em nenhum boicote para o Eric Voegelin. Mas, que ele fosse uma pessoa menos rigorosa do que foi, ele teria sido esmagado no meio universitário. Ele nunca foi esmagado, ele simplesmente ficou (...) ficaram com o saco cheio (...) e inglório (...) tanto que ele preferiu voltar para os Estados Unidos, deixando todos os seus alunos alemães absolutamente desarvorados, porque eles viram (ali) uma luz nas trevas. Mas ele não agüentou – veja – a mediocridade da universidade alemã.

Essa é outra coisa incrível. Quando as instituições acabam, quando elas perdem o seu vigor, elas conservam o prestígio, têm um prestígio residual como de múmia. A universidade alemã, até hoje, você fala pelo mundo, as pessoas pensam que é alguma coisa, elas pensam que estão nos anos 20 ainda.

Mesmo nos Estados Unidos, quando você fala em Harvard (...) Harvard hoje é uma escolinha do MST, não é nada mais do que isso. No entanto, as pessoas falam: oh, ele foi diretor da Revista de Direito de Harvard. A Revista de Direito de Harvard é um semanário do MST, uma coisa de analfabeto – comunista analfabeto – mas ainda tem o prestígio.

Curiosamente, os mesmos caras que (mais) ajudaram a destruir a instituição universitária, (que são) aqueles ativistas dos anos 60, (eles mesmos) usam o prestígio da universidade que eles mesmos destruíram. Quer dizer, é usurpação mesmo: mata o sujeito e assume o título dele, parece com a estória do “Máscara de Ferro”.

Este curso meu – não só o meu curso, mas tudo que eu estou fazendo – é concebido em vista de responder ao seguinte problema: supondo-se que eu quisesse adquirir um conhecimento da História, da Cultura, da Filosofia, da Religião; que respondesse àquela famosa exigência do Leopold von Ranke – “eu quero conhecer as coisas como efetivamente se passaram” – pouco importando se eu vou poder usar isso numa profissão acadêmica ou se, ao contrário, isso só vai me transformar num sujeito esquisito, que ninguém compreende.

Se você tem a coragem para isso, você pode chegar ao conhecimento da Realidade, você pode chegar ao conhecimento objetivo. Porém, note bem, quanto mais coisa você conhece, isso significa que você conhece coisas que os outros não conhecem. De cara. Saber mais é saber o que os outros não sabem.

Então, quanto mais você sabe, menos você será compreendido por aqueles que não sabem. Se você quer pagar esse preço, se você acha que o conhecimento vale isso – eu acho que vale, eu dediquei a isso minha vida e não estou nem um pouco arrependido, estou achando ótimo, mas eu tive que aprender ao longo do tempo a não esperar ser compreendido pelos ignorantes, (eles) não têm como compreender – então essa é uma primeira coisa.

Segundo: se você quer isso para você ser efetivamente um estudioso sério e não necessariamente para ser tido como tal pelos ignorantes que posam de estudiosos, então você vai ter que seguir uma série de práticas e de protocolos de aprendizado que lhe permitirão chegar aonde você quer. E foi isso que eu fiz a minha vida inteira e é o que eu gostaria de ensinar aos outros a fazer.

Então, (eu) quando coloco um problema na minha cabeça, eu quero a resposta efetiva, (eu sempre penso) essa frase do Ranke não me sai da cabeça: “eu quero conhecer as coisas como efetivamente se passaram”. E eu acredito que a inteligência humana é efetivamente capaz de fazer isso.

Porém, “as coisas como efetivamente se passaram” não são necessariamente como as pessoas gostam de imaginar que elas se passaram. E quando

you discover things from the past, you modify the vision that you have of the characters in the present, you look at it from another perspective.

What I mean to say is: your scale of comparison grows formidably, because what for others can be a novelty and such, you already have elements of comparison from before, it is not a "novelty" in this way. Many things in which the majority of people deposit great hopes, you will already know – from the start – that they will not turn out. Because you already have the historical experience accumulated.

And, also, it can happen the worst of all: that when you have understood a series of processes, have acquired a philosophical, historical (...) monumental culture, the people do not want to know what is your opinion. That they prefer to stick to their preconceptions, to their little ideas. This happens in fact. Then, you will be in a situation a little awkward.

I remember that one time I saw a lady on the street, she had fallen on the ground and she was arguing and having a hysterical crisis, I think that even an epileptic crisis. I went there to help her to get up and such. From there she started to hit me, shouting like this: "I hate men, I hate men". And what can I do for the lady? Then, what do you want to know? Forget it. No, I will not help anymore, the lady does not want me to help, I do not help.

Many times in front of politicians, public men, opinion makers, business leaders, military etc., you will be in that situation and say: "look, I know the solution for your problem, now if you do not want, the problem is yours, I only want to help". You will be in the position of the unwanted consultant.

This can also happen, but even so I think that the search for knowledge is the best finality of life, there is no better thing. It is better to be understanding, because you will not suffer like a little animal. Suffer with the dignity of the human being, you know what is happening.

My idea for this course is to transmit to you a part of this experience. The problem that people put is the following: what we study is not Philosophy. What we study is a business that is called Reality.

Reality is what everyone knows, that is already given to you, in the context of your external and internal experience since you were born. A

Realidade é aonde você vive. Aonde você se move. É aonde você se alegra, chora, tem esperança, luta, tem vitórias, derrotas etc., isto é a Realidade.

E a Filosofia quando ela surge, ela surge exatamente como uma investigação sobre a Realidade. Não surge como uma disciplina acadêmica, onde você tem que cumprir certos ritos para você ser aceito numa determinada comunidade profissional. Comparado com a Filosofia, como estudo da Realidade, essa “filosofia” no sentido profissional é apenas uma brincadeira de criança. É uma coisa que a gente não pode levar a sério nem por um minuto. E nós devemos nos manter à distância dela.

Você veja (que) a idéia mesma de tornar-se um filósofo – tornar-se um filósofo é fazer aquilo que Sócrates, Platão e Aristóteles faziam (...) Você pode discutir muito sobre o conceito de Filosofia, o que é a Filosofia, o que não é (...) mas isso aí é apenas uma especulação. Nós vamos partir de um fato, um dado histórico. O dado histórico é que nós usamos esta palavra “filósofo” porque teve três fulanos chamados Sócrates, Platão e Aristóteles, que começaram a fazer isto.

Então o nosso objetivo, em primeiro lugar, é fazer aquilo que eles faziam. É se dedicar à mesma coisa que eles faziam. E, o que eles faziam era exatamente uma especulação sobre a natureza, fundamento e estrutura da Realidade, de modo a permitir que a existência humana transcorresse de uma maneira iluminada e esclarecida.

Quer dizer: você criar uma certa zona de claridade no meio da confusão e obscuridade da existência humana em geral. Não há a menor possibilidade de duvidar que era isto que eles faziam, porque eles dizem que é isto que eles estão fazendo. E quando você vai ver a prática deles, é exatamente isto.

Nos três casos, eles vêem a Filosofia como uma busca da Sabedoria. E a Sabedoria consiste exatamente em tornar a Realidade translúcida. Quer dizer: você saber o que está acontecendo, você entender do que se trata na sua existência. Quer o “ser”, o que você está fazendo ali e o que é este universo que te rodeia e qual é a melhor maneira de você viver dentro disto. Isso é o que eles faziam e isso é o que nós vamos fazer.

Muito bem. Como o ponto de partida deste curso é a constatação, a descoberta daquele estado de coisas que eu estava descrevendo no começo da aula, então, o primeiro passo é tentar restaurar nos alunos a possibilidade de que eles compreendam o pensamento, a cultura de outras épocas e de outros lugares não desde o ponto de vista acadêmico de hoje, mas desde um ponto de vista filosoficamente válido.

Você não terá acesso nenhum, a nenhuma filosofia de outras épocas, se você fizer questão de encará-la apenas desde o ponto de vista da cultura atual. Existem muitos aspectos da filosofia de Platão, Aristóteles, Sócrates – sem falar de outros e de outras culturas de acesso mais difícil – que não têm lugar, não cabem na cultura contemporânea, porque você não pode compreendê-los desde um horizonte de realidade determinado pela tecnologia. Eles estão falando de coisas sobre as quais a tecnologia não tem acesso de maneira alguma.

Se você fala de “estrutura da Realidade”, “ordem total da Realidade” (...) qualquer ser humano sabe que ele vive dentro de um universo que existia antes dele chegar aqui. Sabe que este Universo, em princípio, contém tudo o que aconteceu e o que está por acontecer. Este tudo implica a totalidade dos processos físicos, biológicos etc., e a totalidade dos acontecimentos históricos e a totalidade daquilo que foi sentido, pensado etc., ao longo do tempo.

Todos nós sabemos que isto constitui a Realidade. E também sabemos que isto não chega até nós de uma maneira caótica, mas chega como uma estrutura. A estrutura se repete para cada novo ser humano que chega no cenário. Embora existam muitas coisas que mudem, têm uma (certa) estrutura que é absolutamente invariante.

Todo mundo sabe que vai ter um certo tempo para viver e que depois ele vai morrer. Isso aí todo mundo sabe. Todo mundo sabe – de cara – que da totalidade do que acontece, só uma parte ínfima chega ao seu conhecimento, mas a parte que não chegou está presente. Ela não é uma pura ausência. Ela é uma latência.

Por exemplo, vamos supor: fulaninho se apaixonou pela fulaninha. O cara chega lá e pediu para ela casar com ele. Ele não sabe se ela vai querer ou não. Isto é a zona de ignorância. Isto é apenas uma ausência? Se fosse uma ausência não seria problema nenhum. Mas é uma tensão. Quer dizer: dentro da cabeça dela, tem alguma idéia que, em algum momento, ela vai dizer para você. Então, o conjunto do que nós não sabemos é um conjunto de latências, é uma presença tão intensa quanto daquilo que estamos vendo.

Você está andando aqui por uma rua e tem ali um cachorro deitado. O cachorro, o que ele vai fazer? Ele vai abanar o rabo para você? Vai latir para você? Vai te morder? Você não sabe. Mas o conjunto do que o cachorro não fez ainda, está tão presente para você quanto a própria presença física do cachorro. Às vezes até mais. Se

you have fear of a dog, the possibility of the dog biting you, affects you more than the mere physical presence of the dog.

Then, the set of things that we do not know is a set of enigmas potentially explosive. And all of us, then, live within a structure of Reality that is not constituted only by obvious presences, but by an infinity of latencies.

These latencies do not exist only in our mind. If they existed only in our mind (...) see: a thing is what I think the dog will do, I can make four hypotheses, or he wags his tail, or he growls at me, or he barks, or he bites me. At least he tries to bite me. These four hypotheses exist in my head. But if they existed only in my head, there would be no problem, because a mental dog does not bite.

It is not my idea about the dog that I am talking about, but what the dog will actually do. It is there that the latency is and not in (...). Of course I create a mental equivalent latency: I think about it. But it would be ridiculous for me to say that these latencies only exist mentally. I try to know them mentally, but they are in the Reality of the world. If they were not in the Reality of the world it would be a problem and thinking about them would be just a mental game without importance.

For example: when will I die? How many years will I live? I do not have the least idea, but my death is only a thought of mine? If my death were only a thought, I would never die. And it would not be a problem. It would be just a joke. But I know that one day I will die.

Then I think like this: no, but when I die, I will leave a situation better for my family or the whole world will be devastated? What will happen? The whole world thinks about it. And these are real things.

It is these latencies that I am talking about and not just their mental representation. These latencies are presences. And even more: almost the totality of the real world is constituted by these latencies. Of things that you do not know, but that are present in some way.

Even things from the past. Because according to what has happened in the past, it can modify the future. And I do not know what happened in the past and, for this

mesmo, não sei o que vai ser o futuro. As latências se prolongam para o passado e para o futuro.

Também elas se prolongam espacialmente. Por exemplo, agora nós estamos aqui nesta sala, então daí nós temos uma certa idéia do círculo que tem em volta, o bairro onde nós estamos, as casas dos vizinhos etc. Mas nós sabemos que estão acontecendo coisas mais para adiante. Pode ser mais perto ou mais longe, mas isso tudo são coisas que estão na Realidade. A prova de que elas estão na Realidade é de que a fração delas que nós conseguimos pensar é mínima. E nos chegam notícias novas sobre coisas que nós não tínhamos pensado.

Todos os seres humanos, desde o primeiro que nasceu até o último que está nascendo nesse momento, eles já entram dentro desta situação. Nenhum nasceu numa situação diferente. Nem um único. Isto é um dado – um dos muitos dados – que compõe a estrutura da Realidade.

Se o que nós queremos é conhecer a estrutura da Realidade, então (isso) significa que nós necessariamente teremos que transcender os limites da cultura reinante hoje.

A possibilidade dessa transcendência existe – por incrível que pareça – dentro da própria cultura. Porque junto com a massa inteira de limitações que ela te traz, ela também te traz elementos positivos, entre os quais o acesso às informações de outras épocas. Mas o fato dela te dar o acesso à informação, não quer dizer que ela te dá os meios de compreensão também.

Por exemplo: quantas edições você tem hoje dos livros de Platão? Milhares. Então, materialmente, esse material está à sua disposição. Quantas pessoas você tem que podem ajudar você a ler Platão de uma maneira útil e frutífera? É muito menor. Quantas dessas pessoas você vai encontrar durante a vida? Uma, duas – e se tiver muita sorte.

Em geral, o que você vai ter? Você tem o acesso material às obras; mas você vai ter um monte de professores que só vão te confundir a cabeça. Porque eles vão te oferecer um Platão à imagem e semelhança da limitação mental deles. Sobretudo (...) você imagina (você) ler Platão à luz de uma cultura definida pela tecnologia. É impossível, porque quase tudo o que Platão fala está fora disso aí. Então, ou se torna incompreensível, ou você tem que recortar aquilo para reduzi-lo à medida daquilo que a cultura contemporânea pode abarcar.

Então, quer dizer: os estudos superiores quando são empreendidos de maneira séria, eles são, em primeiro lugar, desaculturantes; quer dizer, vão colocar você fora e acima da sua cultura. Colocam você fora e acima da sua cultura mediante a assimilação de elementos de outras culturas. Mas esses elementos de outras culturas, se eles forem colocados dentro da perspectiva da nossa, já não são o que eles eram, e são – sim – a sua redução à perspectiva de hoje.

Como é que nós resolvemos este problema? Nós resolvemos este problema adquirindo esses materiais das outras culturas, não como curiosidades que hoje estão colocadas à disposição da cultura contemporânea para enfeitá-la, mas como materiais que têm importância vital para nós mesmos enquanto indivíduos viventes.

Então, quando eu vou ler Platão, eu vou ler Platão não de acordo com aquilo que de Platão interessa ao meu professor de filosofia da USP. Mas eu vou ler Platão para saber o que Platão pensa de mim. Eu vou usar esses materiais como espelhos da minha própria pessoa. Quer dizer: eu sou uma pessoa real, historicamente existente, num momento x e então me reaparecem essas pessoas de outras épocas, que me falam sobre mim.

Então este é o primeiro preceito: você vai ter que aprender a se olhar a si mesmo, a si próprio, com os olhos dos filósofos das outras épocas e não a olhar eles com os olhos da sua cultura. Porque esta última coisa é fácil, olhar com os olhos da cultura, bom, é só você pegar qualquer manual aí ou pegar o que se diz de Platão e Aristóteles na cultura, na mídia popular, e pronto: você tem esta imagem.

Agora, nós vamos tratar de fazer o contrário. Eu vou começar por me olhar a mim mesmo, de acordo com o que eles estão me ensinando, e em seguida eu vou olhar a minha cultura com os olhos deles.

Aí você vai ter as duas perspectivas. Do presente para o passado e do passado para o presente. Do lugar onde você está para outros lugares e dos outros lugares para o lugar onde você está. Da sua cultura para as outras e das outras para a sua. À medida que você vai cruzando essas coisas você vai descobrir uma série de elementos tensionais, de enigmas, de perguntas, de dificuldades, que elas sim constituirão a verdadeira trama da história cultural.

O nosso negócio é propiciar ao aluno a efetiva experiência da conquista da Cultura Humana; não desta ou daquela cultura em particular, mas da

Cultura Humana. Você vai abrir e ampliar e ampliar e ampliar (...) e cada novo elemento que você integrar ali, seja proveniente dos próprios antepassados da sua cultura ou seja de culturas estranhas, servirão como superfícies, como espelhos nos quais você se reconhecerá. E reconhecendo-se a si próprio, você ficará, então, habilitado a reconhecer a sua própria cultura sob os olhos dessas outras mentes.

Para realizar isto, nós precisamos de usar muita imaginação. Porque a experiência individual humana ela é muito limitada, quer dizer, o conjunto de coisas que te acontecem, que você pode assistir pessoalmente, mesmo supondo-se que tenha uma vida que nem a minha, que (eu) assisti milhões de coisas, que se eu fosse contar tudo o que eu vi (...) os caras falam: por que você não escreve as suas memórias? Eu falei: porque não dá, porque aconteceu coisa demais. Não é que aconteceu coisa demais, eu vi coisa demais. Então não dá para contar.

Mas, mesmo supondo-se que a sua vida seja isso – “já vi as coisas mais esquisitas que existem” – mesmo aí é limitado, isso aí é um nada. Você vai ter que suplementar isso com a Imaginação. Nós temos que começar com a cultura da imaginação, nós temos que tornar a sua imaginação rica e flexível o suficiente para que você possa, amanhã ou depois, se colocar dentro das perspectivas abertas por estes filósofos de outras épocas e enxergar-se com os olhos deles.

Como se você virasse um personagem dos Diálogos de Platão. Você que está lá discutindo com Platão e se aproveitando – tirando o proveito – das perspectivas que ele possa abrir para você. Para isso, (eu vejo que) o primeiro elemento a fazer é dar um complemento para os alunos em matéria de cultura histórica e literária, antes de você entrar nas discussões filosóficas propriamente ditas.

Isso quer dizer que o primeiro ano de nosso curso é praticamente um curso de História e Literatura. Não um estudo especializado de História, no sentido de transformar você num historiador, mas simplesmente transformar você num leitor de História. E também não um curso especializado de Letras, no sentido de transformar você num filólogo ou coisa assim, mas no sentido de equipar você com esses grandes produtos da imaginação humana que funcionam como espelhos – não da realidade histórica – mas da Realidade possível, quer dizer, das possibilidades da vida humana.

Aristóteles já dizia que a base da arte literária é a especulação do possível. Não daquilo que efetivamente aconteceu, mas daquilo que poderia ter acontecido.

Ora, a História e a Literatura têm que ir (muito) juntas, porque a História é aquilo que efetivamente aconteceu, mas qual é o significado daquilo que aconteceu? Qual (é) a importância e o valor daquilo que aconteceu? Você não tem como saber isso, a não ser se você puder especular o que poderia ter acontecido, quer dizer, se você não imaginar outras hipóteses.

Por exemplo: você fica sabendo que o seu vizinho bate na mulher todo dia. Por que você acha isso ruim? Ora, se todos os maridos batessem nas mulheres, todo dia, desde o começo dos tempos, ninguém repararia e seria uma coisa inteiramente normal. Você acha isso ruim por quê? Porque você, (se nunca foi casado), você é capaz, por exemplo, de imaginar uma outra maneira de você tratar a sua mulher sem você bater nela todo dia. Se você não for capaz de imaginar isso, você não vai estranhar a conduta de seu vizinho e quando a mulher começar a gritar, você vai achar aquilo uma coisa tão banal quanto as galinhas cacarejarem no galinheiro.

A especulação das possibilidades humanas nos dá a chave para a avaliação daquilo que efetivamente aconteceu. E aquilo que efetivamente aconteceu nos dá o limite da especulação imaginativa útil: até onde vale a pena especular. E existe um ponto para além do qual a especulação se torna vã?

Eu, muito jovem ainda, percebi que o negócio da Literatura era o “possível”. E existe o possível que é mais provável e existe o possível que é tão remoto, que você especular a respeito é pura perda de tempo.

A imaginação tem que ser treinada para ela se tornar um instrumento de compreensão da Realidade; e não uma atividade ociosa que vai fazer você ficar especulando sobre coisas que não vão acontecer jamais, que não têm a menor possibilidade e que são somente um jogo.

A grande Literatura do mundo, (ela) contém um material que, para o estudante de Filosofia, é absolutamente precioso. A Literatura é uma maneira de você amadurecer na sua visão da Realidade. Claro que, pelos processos atuais de ensino da Literatura nas universidades, a experiência imaginativa pode se tornar totalmente impossível. Impossível. Porque, vamos dizer, quando você lê Dostoievski, Tolstoi, Shakespeare, você está tendo acesso ao que essas grandes mentalidades conceberam sobre as possibilidades da vida humana.

Agora, se você começa a encarar aquilo apenas como estrutura textual, começa a encarar aquilo sob o ponto de vista estruturalista ou

desconstrucionista etc., o elemento de experiência sumiu. Então aquilo não é mais um espelho da vida. Aquilo é apenas uma atividade formal a que o indivíduo se dedicou por – sei lá – frescura. Isso quer dizer que o que se chama de “o estudo de letras” na universidade hoje, pode se tornar um meio seguro de você se vacinar contra a Literatura como instrumento de acesso imaginativo à Realidade.

Nessas conferências do Voegelin em Toronto tem uma mesa redonda sobre a arte da leitura. Então todos que estão falando lá sobre leitura e etc., e o Voegelin é o único que vem e diz: olha; nós só lemos estas coisas porque elas dizem respeito à nossa vida. Se não dissessem, pra que a gente ia estudar essa porcaria?

Por exemplo, quando a gente lê esses grandes escritores alemães do Século XX – Jakob Wassermann, Hermann Broch, Robert Musil e outros – eles estão falando sobre formas de alienação da Realidade, que são a própria circunstância moral na qual nós vivemos. É disso que eles estão falando. Então, se eu for estudar o texto – apenas como um texto – eu estou evitando o contato com essa realidade, eu estou fugindo do assunto. Eu estaria entrando, justamente, dentro de uma das modalidades de alienação que eles mesmo estão tentando descrever ali. Eu me tornaria mais um personagem do Robert Musil do que um leitor dele.

A minha idéia nesse primeiro ano é dar uma série de leituras de obras históricas e literárias, que rapidamente permitam a vocês: primeiro, formar uma idéia do conjunto da duração das épocas históricas; isso é muito importante. A maior parte das pessoas não têm isso, pessoas inclusive das classes “cultas”. O tipo de imaginação histórica que está presente na nossa cultura é 100% (cem por cento) constituído de estórias da carochinha. A visão esquemática que as pessoas têm do passado histórico e aquela ao qual elas apelam nas discussões públicas etc., é constituída somente de falsificação. Só. Não há mais nada. Nada. Trata-se de emborcar nas cabeças das pessoas uma visão cronológica absolutamente deformada, absurda, não apenas irreal, mas impossível.

Hoje em dia, quando as pessoas falam – nessas discussões públicas que tem sobre totalitarismo, democracia, liberdade etc. – as pessoas sempre citam como um exemplo de opressão o totalitarismo, por exemplo, o soviético, nazista e (...) da Santa Inquisição. “A intolerância para com o divergente”.

Se você estudar a história da Inquisição inteirinha, você vai ver que ninguém jamais foi condenado pela Inquisição por ser “divergente”. A Inquisição jamais condenou o sujeito por ser muçulmano ou judeu. Isso era absolutamente

inconcebível na época. (No entanto,) a Inquisição – você pode gostar dela ou não – é um fenômeno totalmente diferente dos totalitarismos modernos, não tem nada que ver. Sob certos aspectos era até o contrário.

Mas isso é um exemplo. Quando você, tentando exprimir o seu sentimento para com um fenômeno atual que te choca de alguma maneira, (então) você deforma totalmente a perspectiva histórica e acaba por não compreender aquele mesmo fenômeno do qual você estava falando. É claro que aí, você já está falando, não da realidade, mas daquilo mesmo que o próprio Robert Musil chamava de uma “segunda realidade”: quer dizer, você inventou uma “história humana”, e você toma posições morais em face desses acontecimentos puramente imaginários.

A idéia de um controle total da sociedade, de um controle total sobre a opinião pública, jamais poderia ter surgido antes de surgir a idéia de opinião pública! Essa idéia de opinião pública só aparece no Século XVIII. Como que a Inquisição poderia tentar controlar a opinião pública, se ela nem sabia que isto existia?

Isso quer dizer: é mais fácil você imaginar um fenômeno, como é a Inquisição, a partir de dados da cultura contemporânea, do que você saber – aquilo que dizia o Ranke – “como as coisas efetivamente se passaram” e o que foi efetivamente aquele fenômeno, ou conjunto de fenômenos diferentes.

Quando nós imaginamos a Inquisição à luz dos totalitarismos contemporâneos, nós perdemos de vista o fato de que fenômenos como os totalitarismos contemporâneos jamais existiram ao longo de toda a história humana, mesmo nas civilizações mais bárbaras. As coisas que Hitler, Stalin, Pol Pot e outros fizeram, os piores tiranos da Antigüidade não seriam capazes – não digo que não seriam capazes de fazer – eles não seriam capazes de imaginar. Então, se nós não percebemos isso, nós não entendemos a diferença específica dos fenômenos que nós estamos vivendo hoje.

Hoje em dia, por exemplo, o pessoal tem uma idéia bastante pejorativa a respeito da civilização islâmica. Então, eles acham que os islâmicos, (que) eles cortam as cabeças de todo mundo que diverge etc., e de fato às vezes acontece num lugar ou num outro. Porém, a civilização islâmica tem 1.400 (mil e quatrocentos) anos. E, em nenhum lugar que ela ocupou, ela jamais tentou islamizar todo mundo. Nunca fez isso. Ou seja: a idéia de totalitarismo não existe dentro do Islã.

De todas as civilizações (...), que ainda estão vivas, a mais regulativa, a que mais manda na vida das pessoas é o Islã. Mesmo assim a perspectiva

totalitária é totalmente ausente do islã, ela não existe no Islã. No momento em que alguns grupos islâmicos são influenciados por ideologias totalitárias eles podem tentar adaptar o Islã a isso. Mas, ainda assim, ainda é um fenômeno localizado.

Por exemplo, você imagina uma sociedade totalitária, o Irã. Você acha que o Irã tem instrumentos de controle da população como a KGB tinha na União Soviética? Não, isso custa muito dinheiro, meu Deus do céu, a KGB foi a maior organização de qualquer tipo que já existiu na história humana. E se você somar a Igreja Católica, a Maçonaria, todos os partidos políticos, todos os clubes de futebol (...) não dá o tamanho da KGB, como estrutura administrativa. O (pobre do) Ahmadinejad, ele pode até querer fazer isso algum dia. Mas ele não tem a mais mínima condição de exercer aquele controle como a KGB exercia.

Esse controle não chegou a existir nem mesmo dentro da Alemanha nazista. Ou seja: a perfeição do controle totalitário só foi feito num lugar: na KGB, na Rússia. O Hitler quis fazer. Nunca conseguiu. Isso quer dizer que, entre as várias polícias secretas da Alemanha, você tinha uma verdadeira guerra. Você tinha feudos. Ora, um regime totalitário é incompatível com feudos, não pode haver poderes secundários, concorrentes. Na Rússia soviética eles foram totalmente eliminados. Centralizou tudo.

Agora, a Rússia soviética teve sessenta anos para fazer e o Hitler teve doze. Doze não, porque a guerra começou em 39. Para construir o estado totalitário ele teve seis anos – de 33 a 39 – então, evidentemente, (ele) não pode ter conseguido aquele controle totalitário que conseguiu o Stalin na Rússia e que depois foi imitado em outros lugares. Por exemplo, em Cuba eles chegam a ter esse controle. Mas em Cuba é bem mais fácil, Cuba não é do tamanho de um continente, é uma lingüiçinha.

O fenômeno do totalitarismo é um fenômeno especificamente moderno, desconhecido por toda a história humana. Se você comparar com os impérios da Antigüidade, os faraós não tinham este nível de controle. Você não esqueça que no Egito dos faraós, estavam lá dentro os judeus e mesmo sendo escravos eles tinham os seus próprios ritos, sua própria religião etc., e nunca o faraó tentou mudar a cabeça deles. Essa idéia simplesmente não ocorreu à cabeça do faraó. Eles eram escravos, mas eles tinham a sua cultura separada, quer dizer, eles tinham um enclave cultural dentro do império egípcio. Aliás, no império egípcio existiam vários desses enclaves culturais. Imagina se isso poderia ser admitido na Rússia soviética. É impossível.

Essas comparações são feitas na base apenas da ênfase, baseada no horror que você sente. Quer dizer, o horror que você sente de uma coisa que você conhece, você compara ao horror que você sente por uma outra coisa que você não conhece e que você simplesmente imaginou. E que você imagina que é tão ruim quanto.

É claro que toda discussão pública baseada nisto é constituída inteiramente de fantasmagorias. Porque essas coisas não funcionam apenas como figuras de retórica. Não. Elas expressam a própria *forma mentis* das pessoas envolvidas. É o que aquelas pessoas estão realmente imaginando. O que elas acham que realmente aconteceu. E os seus julgamentos, as suas decisões, suas reações, seus sentimentos, são determinados por este mundo no qual eles vivem, que é um mundo totalmente imaginário.

Outro fenômeno, por exemplo, que me chama a atenção: o pessoal, por exemplo, revolucionário, esquerdista, eles vivem sempre se sentindo perseguidos e ameaçados pela direita, pelos reacionários etc. eles vivem num permanente estado de alerta, como se sua vida estivesse (...) mesmo quando eles estão no poder, eles se sentem ameaçados. Quer dizer que o Stalin se sentia ameaçado o tempo todo. Fidel Castro se sente ameaçado o tempo todo. Fidel Castro diz que os americanos fizeram mais de quarenta tentativas de matá-lo. Na verdade não fizeram nenhuma. E, se fizessem uma, ele teria morrido.

Mas eles se sentem assim acossados o tempo todo pela direita. Agora você veja que, das pessoas que foram assassinadas pelos regimes comunistas, na Rússia, nos países satélites, na China, no Vietnã, na Coreia do Norte, no Camboja, em Cuba, Nicarágua etc., a maior parte é constituída de comunistas. Não eram burgueses reacionários. Quantos burgueses reacionários tinham ainda na Rússia na década de 40? Não tinha mais nenhum. Então eles matavam o que? Seus próprios militantes ou simpatizantes etc.

Soma o número de comunistas que foram mortos pelos regimes comunistas e você vai ver que é imensamente maior do que os comunistas que foram mortos por qualquer outro regime. Incluindo os nazistas. Quantos comunistas os nazistas mataram? Não chega a dois milhões. Agora, dos 75 (setenta e cinco) milhões que Mao Tsé-Tung matou, mais 60 (sessenta) milhões que foram mortos na União Soviética, mais não sei quantos (...) dá aí uns 50 (cinquenta) milhões de comunistas. Me diz, então, por que eles vivem com tanto medo dos outros, se o lugar mais perigoso para eles é o Partido Comunista?

É perigosíssimo você participar de uma revolução comunista porque no dia seguinte os caras que tomaram o poder vão te matar. Claro que a vida deles é perigosa. Eles estão constantemente ameaçados. Mas o perigo não vem do adversário. O perigo vem da militância. Esta é a situação real e objetiva na qual eles estão.

Quer dizer: se você participa do movimento comunista, você pode correr algum risco nas mãos da burguesia enquanto você está na militância. Mas depois que acontecer a revolução, o risco centuplica! Isso não aconteceu em um lugar. Aconteceu em todos, sempre. Os maiores inimigos dos comunistas são os comunistas. É isso que eles teriam que temer. Então, por que eles têm tanto medo do adversário e se sentem tão confortáveis no meio da sua militância? Porque eles vivem na “segunda realidade”. Eles não estão com medo do perigo real. Mas só do perigo imaginário, que serve (para eles) de anestésico contra o perigo real.

Isso é freqüentemente comum: quando você está vivendo um grande risco, você inventar um outro risco imaginário para aliviar o risco real, para que você não tenha que perceber o risco que corre. Por exemplo, nego vai morrer de câncer e ele está com medo de não ter dinheiro para pagar a conta (no) fim do mês. Ele se apega a esta preocupação para não pensar na outra. Isso aí é uma “segunda realidade”.

Claro que esse vício não existe só na esfera das idéias culturalmente relevantes, mas existe na própria vida pessoal, por exemplo, na sua própria percepção pessoal das coisas você cai nesse tipo de esparrela e isso é a origem, evidentemente, de mil e uma neuroses. Entre outras coisas, o trabalho da Filosofia vai te curar disso; mas tem um preço. O preço é você não ter medo de saber onde está o perigo de fato.

No primeiro ano, vou dar a vocês uma série de leituras de obras literárias e nós não vamos analisá-las como se analisa em curso de Literatura; nós vamos usar um sistema que mais ou menos foi usado num curso de artes liberais – educação liberal – que eu dei lá em Curitiba. Quer dizer: você não vai analisar a obra literária; você vai analisar-se a si mesmo e a vida em torno à luz dessa obra literária. Na verdade este é o único método que funciona.

Analisar obras literárias é mais ou menos como você decompor um símbolo. E na hora que você decompõe um símbolo, o símbolo não funciona mais e ele não significa mais nada. Seria como você, por exemplo, o médico te dá um remédio para você tomar, porque (você) está resfriado, e ao invés de você tomar o remédio, você

manda para um laboratório para analisar e decompor. Então eles quebram a pílula, decompõem e daí você fica sabendo a fórmula inteira; só que você não tomou o remédio.

O que se faz em cursos de Literatura é exatamente isso: Shakespeare, Goethe, Dante, construíram uma série de coisas para iluminar a alma humana, iluminar a experiência humana. Se em vez de engolir a pílula – não – você fica analisando e não toma a pílula jamais. Você foge daquela experiência imaginativa concebida para iluminar a experiência real. Existem alguns processos de estudo da obra literária que escapam disso e esses processos é que nós vamos usar aqui. Do mesmo modo, nós vamos ler livros de História usando um método que era do grande historiador inglês Macaulay.

Macaulay dizia que você primeiro tem que entender a coisa histórica como narrativa imaginária e depois só como realidade. Ler as obras de História como se fossem narrativas literárias. Ou seja, narrativas apenas do possível. E depois – comparando várias visões do possível – você vai estreitar até você chegar a compreender mais ou menos o que efetivamente se passou.

Hoje em dia, o fato de que os historiadores usem métodos de narrativa ficcional para contar as suas histórias, é usado como um argumento em favor da hipótese de que não há realidade; há somente narrativas. Mas isso é uma estupidez, porque se existissem apenas narrativas, você não precisaria criar instrumentos narrativos para narrá-las.

A simples existência de vários instrumentos narrativos mostra que você está falando de uma realidade que não se resume à narrativa. Senão você só poderia fazer a narrativa da narrativa da narrativa da narrativa (...) e isso se diluiria muito rapidamente. É justamente porque existe para além da narrativa – existe o mistério da Realidade – é que você precisa das várias técnicas narrativas como quem usa, vamos dizer, várias lentes diferentes, para projetar diferentes visões sobre o objeto, para poder localizá-lo no espaço, exatamente como um desenhista faz.

Por exemplo, eu quero desenhar um de vocês aqui. Então o que eu faço? O desenhista pega um lápis e começa a tomar várias medidas e marcar no papel para fazer um rosto mais ou menos com as proporções do seu. Essas técnicas que ele está usando, nada têm a ver com o seu rosto. Você não foi construída por essas técnicas. Não foi um desenhista que fez a sua cara. Foram processos embriológicos, genéticos etc., que nada têm a ver com a arte do desenho.

Então, você tem a estrutura real do objeto que está sendo desenhado e você tem a estrutura do desenho, que só coincidem no que diz respeito às proporções. Mas isso não quer dizer que o desenho seja uma estrutura em si totalmente independente do objeto desenhado.

Claro; o desenho terá uma estrutura e uma ordem interna, sem sombra de dúvida. Porém, se eu desenho uma figura imaginária, eu meço somente as proporções da figura imaginária. E posso mudá-las a qualquer momento. Mas, se eu estou desenhando uma coisa – como se diz, “do natural” – eu estou inteiramente submetido ao sistema de proporções que eu não inventei, mas que está na minha frente.

Claro, também, que um mesmo rosto, uma mesma figura, uma mesma paisagem, pode ser desenhada desde distintas perspectivas. Se você pegar dez pintores diferentes, mostrar a mesma paisagem para eles, você vai ter dez pinturas diferentes. Mas elas serão totalmente diferentes? Não, porque senão não seriam pinturas da mesma paisagem. Esta diferença de perspectivas, mostra que para além das pinturas, existe um algo. E que os dez pintores sabem do que eles estão falando, quando eles se referem a este algo.

O estudo da História também é isso. Nós vamos ver várias narrativas. Você tem de saber que por trás das várias narrativas existe uma estrutura que não foi inventada pelas narrativas. Essa estrutura não pode ser expressa em si mesma. Por quê? Porque a expressão “expressar em si mesma” não quer dizer nada. O que eu expresse só pode ser o que eu percebo, o que eu penso. Porque o fato mesmo expressado já está expresso no que? No próprio fato. E o que eu vou fazer? O narrador vai fazer o que? Ele vai simplificar isso aí, para tornar aquilo imaginável por uma pessoa que não viu aquilo. Isso quer dizer que, o leitor, ele vai ter que, para além daquilo que está escrito, fazer um esforço de imaginação, de restaurar a realidade daquela experiência.

Esta capacidade de perceber imaginativamente a Realidade, todos nós temos. E é justamente no cruzamento entre as várias imaginações que está o perfil da realidade presente. Do mesmo modo que, quando você vai desenhar o objeto, você não toma só uma medida. Você toma várias; em várias direções. Para que? Para você capturá-lo numa rede de referências que permite lhe mostrar onde ele está e que tamanho ele é. O conjunto das narrativas também é isso. É como uma série de medidas que foram tomadas em relação à realidade.

Se você não tivesse visto a paisagem, mas você tivesse visto as dez pinturas; você conseguiria imaginar essa realidade. Se você fosse pintar o que você imaginou, você não ia pintar exatamente o que você imaginou, mas só aquilo que os seus procedimentos técnicos permitem reproduzir daquilo. Você teria, por assim dizer, duas traduções. Uma tradução da experiência para a imaginação e memória e outra da memória e imaginação para o desenho.

Em vez disso querer dizer que a Realidade nos é inacessível, que nós só temos acesso àquilo que nós mesmos imaginamos e desenhamos, é justamente isso que prova a existência da Realidade. Por quê? Se nós só tivéssemos acesso àquilo que nós mesmos imaginamos – prestem atenção – é este nosso conteúdo imaginário que se tornaria a “realidade” para nós. E nós teríamos que por sua vez reimaginá-lo. E esta segunda imaginação também seria um objeto, e nós teríamos que reimaginá-lo e reimaginar (...) e seria a imaginação da imaginação da imaginação (...) e você nunca chegaria a nada. Seria um processo infinito.

Ele é finito por quê? Porque existe a referência da Realidade. E a referência da Realidade dá o limite do trabalho imaginário a ser feito em cima. Se dez pintores, em vez deles pintarem a mesma paisagem, eles pintassem cada um a pintura do outro, a paisagem desapareceria.

Vocês viram aquele filme que tem no YouTube, de um elefante desenhando um elefante? Mas notaram como um elefante percebe a estrutura de um elefante exatamente como nós a percebemos? Com uma pequena diferença: você vê que parece que a perspectiva do elefante é mais vertical do que horizontal. Isso quer dizer que o elefante é anterior a Giotto.

Giotto é o sujeito que fez toda a perspectiva horizontal. Antigamente para você representar que uma coisa estava mais longe do que a outra, você colocava em cima. Quanto mais longe mais em cima no quadro. Giotto (é que) ensinou a fazer tudo no mesmo plano horizontal. O elefante não estudou Giotto; então a perspectiva dele ainda é vertical. Mas, o elefante tem quatro patas, tem uma tromba, tem orelha (...) então – você vê – não há muito que discutir quanto à estrutura objetiva do elefante. Porque você pode perguntar isso ao próprio elefante.

O conjunto desses estudos literários e históricos são para aprimorar a sua imaginação e transformá-la num meio de investigação da Realidade. Isso em qualquer domínio da ciência ou do conhecimento é a coisa principal. Imaginar as alternativas, imaginar as perspectivas possíveis, ir cruzando até que você encontre um

limite da realidade: isto aí é a essência do método científico. Sem isso você jamais chegará no negócio.

Uma coisa que eu gostaria muito de desenvolver nos alunos desse curso é, também, este senso da realidade como uma coisa que não foi você que inventou. Não foi você que criou. Mas dentro da qual você está e que ela te determina e ela te impõe os limites e ela te abre as possibilidades reais.

Quer dizer, em cada situação, você tem, por assim dizer, uma série de elementos que estão fechados e que já são imutáveis – não podem ser mais mudados – e você tem em aberto uma série de outros elementos. E, no cruzamento desses dois dados, é que você vai entender a estrutura da ação humana.

Quer dizer: o que um sujeito pode fazer num determinado momento e o que ele não pode. Mais ou menos como num jogo de xadrez, onde você (...) – no jogo de xadrez é esta mesma situação simplificada – há uma série de movimentos que você pode fazer e outros que você já não pode mais. Dentro dos que você pode, têm alguns que abrirão outras possibilidades de movimento em seguida e têm alguns que fecharão essas possibilidades. Este mesmo tipo de análise é possível fazer em qualquer situação, por exemplo, na análise das situações políticas, quer dizer, o que é possível acontecer.

Estou me baseando no método do Sherlock Holmes: exclua o impossível e do que sobrar alguma coisa deve ser verdadeiro. Mas qual é o impossível? O impossível está dado naqueles traços da Realidade onde já não é possível movimento algum, onde já não cabe fazer movimento algum.

Esse exercício do imaginário é para, por um lado, ampliar o imaginário; mas, ampliá-lo e estruturá-lo. Ampliar no sentido de você conceber possibilidades que não fazem parte da sua vida cotidiana, nem da sua cultura, mas estão presentes no conjunto das possibilidades humanas. E fechá-lo, estruturá-lo no sentido de não especular no vazio, mas especular dentro daquilo que a própria situação estudada admite. Este é o programa do primeiro ano.

Nós vamos seguir, mais ou menos, a estrutura dos quatro discursos. Primeiro, o mundo do imaginário. Em seguida o mundo das decisões, da ação humana etc. No terceiro, o mundo da própria investigação filosófica: teoria do conhecimento, a lógica etc. E assim por diante. Este que é o programa. Alguma dúvida?

Para os que devem estar curiosos quanto a isso, nós já temos aqui montada mais ou menos a solução técnica para permitir a interatividade com vários alunos, cada um nas suas casas. Não será necessário aquilo que eu tinha dito em primeiro lugar, de reunir as pessoas em grupos, porque nós descobrimos aí um instrumental técnico que permite a interatividade com algumas centenas de pessoas de modo simultâneo.

Então, aguardem que dentro em breve isto aí estará montado e começarão os testes já para as aulas. Inicialmente eu pensava em começar as aulas apenas em fevereiro, março do ano que vem, mas como surgiu essa solução técnica, talvez nós possamos abreviar isso aí para dentro de um mês, dois meses no máximo (para começar). Em fevereiro, (ou) talvez ainda em dezembro.

Não há dúvidas? Bom, por hoje é só.